

ENTREVISTA: REVISITANDO O “CAMINHO DA CIDADE” COM EUNICE RIBEIRO DURHAM

*Lidiane M. Maciel**

Nesta edição da *Idéias* – Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas –, que apresenta o dossiê “Migrações”, temos a honra de publicar uma entrevista realizada em fevereiro deste ano com a simpática Profa. Dra. Eunice Ribeiro Durham, antropóloga, dona de um extenso e brilhante currículo marcou positivamente a produção acadêmica brasileira com seus trabalhos sobre família, migração e movimentos sociais nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Atualmente, é pesquisadora e membro do Conselho do Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo (NUPPS). Nesta entrevista, Eunice Durham nos relewa um pouco dos bastidores de suas pesquisas e retoma alguns temas presentes em sua obra “*A caminho da cidade*”, publicado em 1984.

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Unicamp, atualmente desenvolve pesquisa sobre as migrações rurais no contexto do agronegócio no interior de São Paulo. Pesquisa vinculada ao Projeto Temático da FAPESP “Observatório das Migrações em São Paulo: fases e faces do fenômeno migratório no Estado de São Paulo” (NEPO/UNICAMP) coordenada pela Profa.Dra.Rosana Baeninger. Agradeço a leitura atenciosa de Tatiana Barbarini que muito contribuiu para a edição e revisão dessa entrevista.

Lidiane Maciel: Em muitos trabalhos, aos quais a professora dedicou-se ao longo de sua carreira acadêmica, encontramos uma crítica aos trabalhos que separam pesquisas quantitativas de pesquisas qualitativas e, se tratando de migração, perguntamos: qual é a importância atribuída pela senhora à junção desses dois tipos de pesquisa para a análise desse fenômeno social?

Eunice Durham: Não só se tratando de migração, pois todas às vezes que se trabalha com uma categoria ampla de pessoa é necessário considerar as duas abordagens (aliás, mesmo se tratando de um grupo restrito, não é?). Mesmo uma abordagem quantitativa surge de uma pré-abordagem qualitativa, e na volta ao campo é aplicado o questionário estruturado, essa abordagem te dá uma base empírica mais forte, porque a simples interpretação do que é importante ou não, do que é repetitivo ou não, sofre muita interferência da subjetividade do pesquisador. Eu não tenho nada contra a subjetividade. Eu acho que ela é um instrumento válido de pesquisa, mas também esse contraponto é um controle necessário sobre as variáveis principais com as quais a gente tem que trabalhar. E como eu me lembro, no trabalho etnográfico tradicional da escola britânica, inicialmente eles fazem um recenseamento, pois você tem que contar a população com a qual vai trabalhar, fazer uma seleção, ver quais os elos, as famílias, os parentes, as outras formas de associação. Começamos sempre a pesquisa com o dado demográfico. A demografia é muito importante quando se trabalha com sociedades complexas.

Lidiane Maciel: Alguns pesquisadores consideram que muitas vezes os números são tomados de maneira alegórica. Tem-se certo fetichismo relacionado ao número ao tentar avaliar se o fenômeno é significativo ou não...

Eunice Durham: Quando o grupo é muito pequeno, se você não tem uma referência maior, qual é a representatividade disso? Se há um grupo que é muito maior, por exemplo, um grande número de pessoas mancas, bom, isso vai dar uma significância

ao grupo, mas para entender o grau de singularidade, você precisa saber alguns números, como o número de incidência dos defeitos anatômicos da população, por exemplo. Bem, se você descobrir se é 5 ou 75 por cento, saberá a peculiaridade do grupo. Mesmo quando eu estudava pequenos grupos, considerava que colocá-los dentro de uma visão demográfica maior era sempre necessário.

Lidiane Maciel: Considerando o modo como foi feito o trabalho que originou o livro “A caminho da cidade”, eu fiquei me perguntando quais eram os desafios da organização de uma pesquisa que pretendia integrar três momentos: o momento anterior à migração, o processo e a integração desses indivíduos no novo espaço...

Eunice Durham: A pesquisa foi feita com uma amostra, foi uma parte da pesquisa do Darcy Ribeiro, que sempre tinha umas idéias luminosas, nem sempre muito bem executadas, mas de qualquer forma ele tinha. Ele estava convencido da importância do processo de urbanização do país e da industrialização, então fez uma grande pesquisa interdisciplinar, eu fiquei com a parte antropológica, então tirei uma subamostra de migrantes rurais, a partir da qual realizei as entrevistas. Então, ela não é o grupo, um lugar, um pedaço, é resultante de trabalho quantitativo, onde não há relações espaciais e muitas poucas relações estabelecidas entre os indivíduos entrevistados. Não é muito usual essa abordagem, mas como eu tive que trabalhar dentro do projeto, e o material disponível era esse, o tipo interpretação foi bastante diversa, a unidade que eu tomei não era o migrante, mas o migrante dentro de seu grupo doméstico, de relação, no processo migratório, era esse o dado possível captar. Eu acho que não encontrei nenhum migrante isolado, todos tinham algum laço familiar, ou de amizade, de parentesco. Eu alarguei a unidade de análise do migrante para seu grupo doméstico e depois para um grupo maior.

Lidiane Maciel: Nesse momento, quais eram seus interlocutores, os intelectuais com os quais a professora mantinha diálogo?

Eunice Durham: A Ruth Cardoso e os antropólogos da escola britânica, e tinha minha experiência anterior com os migrantes italianos. Então eu utilizei pouco uma abordagem que focalizasse um grupo de relações: mesmo uma abordagem sobre o público do circo, você tem lá certo momento em que todos estavam reunidos, já meus migrantes nunca se reuniam, então eu faço um trabalho de redes, a partir de pontos isolados para saber como eles constroem relações, redes sociais, e o dado que era fundamental é que a migração se dá dentro de um mapa social e não puramente num mapa geográfico, algo que ninguém ainda havia dito. Depois se acostumou com essa ideia, mas acho que fui eu que defini essa ideia da migração ocorrendo dentro de um espaço geográfico socialmente demarcado. Há sempre uma relação pessoal que estabelece esse ponto de migração e de localização.

Lidiane Maciel: Quando a professora referencia as relações sociais, me vem à cabeça uma leitura que é feita do "A Caminho da Cidade" que o coloca ao lado dos estudos macroestruturais e econômicos sobre migrações, como o trabalho realizado pelo Paul Singer, principalmente naquele texto "Migrações considerações teóricas sobre seu estudo", publicado na coletânea organizada por Hélio Moura (1980)¹.

Eunice Durham: Numa análise economicista, você tem que trabalhar com outro instrumental teórico, aquele utilizado pelos economistas (e mesmo os sociólogos trabalharam com uma abordagem economicistas). Já a abordagem antropológica é outra coisa, eu tento defini-la como sendo a maneira como as pessoas vivem o processo, então não é simplesmente o mapa do processo, como abstração, mas é a experiência das pessoas que estão vivendo o processo. Assim, uma abordagem economista não cabe. Outro problema importante daquele tempo com que tive que me defrontar foi a influencia do marxismo nas ciências sociais. Eu não estava trabalhando com classe, mas sim com uma população

¹ MOURA, Hélio A. Migrações Internas: Textos. Seleccionados. Fortaleza BNB, 1988.

em geral pobre. Como isso não acontecia na maior parte dos estudos que eu fiz, não dava para adotar uma abordagem marxista, pois não era o proletariado. Eu estava trabalhando com migrantes, e eles eram uma porção de coisas: *Lumpen proletariado* de um lado, proletariados de outro, em diferentes momentos da vida eles arranjam emprego em fábricas e em outros recebiam o Fundo Salarial, abriam um pequeno negócio e, quando iam à falência, iam trabalhar com outra coisa. Há uma mobilidade dessa população, que vem do campo e tem certas características culturais, mas que em grande maioria viviam em uma situação de pobreza, de pouca escolaridade. Isso dá pobre, e não propriamente classe. Outros já tinham melhorado de vida, se inseriam na classe média, embora muito pouco. O pessoal que eu peguei dessa amostra era realmente muito pobre, mesmo sendo uma amostra muito bem definida, aleatória entre os bairros, o migrante rural que caía nessa amostra era pessoa desse tipo. Logo, nessa minha amostra, eu visualizava o processo de migração, que é um fenômeno que está ocorrendo em grande escala na população e está ligado ao processo de urbanização. Desse modo, os dados demográficos, de localização, de como se dava a migração, bem, não havia muitos dados sobre a migração do campo para cidade, mas havia dados sobre a região da qual vinham os migrantes: não eram necessariamente os migrantes rurais, mas vejo que parece ser a mesma coisa, há uma trança de vem e volta para cidade, então era um processo de migração que ocorria no Brasil inteiro, e que se concentra e era muito visível em São Paulo. Então, o tema era como os migrantes realizavam esse processo, como eles o vivenciavam, e como lhe davam significado, ou valor. Embora seja importante a caracterização econômica, em níveis de pobreza, os migrantes não eram camponeses e, em consequência, logo de início, a minha pesquisa não se incluía numa abordagem marxista, pois eles não eram operários, não eram revolucionários, não havia categoria de emprego que os definissem. Então, o economicismo vem da importância dos dados econômicos, o que eu mostro muito bem na investigação do que é “melhorar de vida” que significa também – mas não somente – uma melhoria econômica.

A categoria “melhoria de vida” que é a forma pelo qual o desejo e a escolha pela migração surgem é uma coisa que deve ser estudada dentro de seu significado.

Lidiane Maciel: É comum verificar que a noção de “melhorar de vida” esteja atrelada à questão do consumo, porém sabendo que essa noção não deve ser reduzida a essa ordem somente, como devemos analisar essa questão tão presente na fala dos migrantes?

Eunice Durham: Bem, o consumo é muito importante, a questão do “melhorar de vida” é a formulação no geral. Mas aí pode haver motivações mais detalhadas. Isso se dava, por exemplo, naquele outro trabalho em que analiso a questão da periferia², não em São Paulo, mas em outras cidades, por exemplo, encontrávamos as motivações direcionadas à saúde, à procura de um serviço público: é claro que há um fundamento econômico dentro de outro contexto, da existência ou não do serviço de saúde, ou o de educação, a escola para o filho, uma vez que a migração, principalmente da zona rural para cidade mais próxima, é muito marcada pelo objetivo de dar escola para os filhos.

Lidiane Maciel: A escola também representava a possibilidade de ascensão social geracional?

Eunice Durham: É, começa a existir a partir dessa época a ideia de que a escolarização é necessária, é claro que não aquela que leva o filho para universidade, mas que era necessária uma escolarização básica para melhorar de vida. Isso me parece uma consciência clara, ao passo que esses migrantes vinham de zonas de economia tradicional. E como eu já havia trabalhado como essa temática no Catulé³, fui percebendo que havia coisas muito

² DURHAM, Eunice. A sociedade vista da periferia. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, 1:84-99,

³ DURHAM, Eunice Ribeiro; Omar, Ribeiro Thomaz (Org.). A difusão do adventismo da promessa no catulé. In: A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia. Unicamp. 2004.

comuns na população. Então, o método da pesquisa envolvia a realização de entrevistas abertas com o roteiro e anotações sobre o que reaparecia constantemente. Isso me levou a fazer um capítulo sobre a família rural, na qual colocava, pela primeira vez nas análises, que a família rural não era a família patriarcal, pois aí era fácil perguntar e as respostas vinham com elementos muito comuns: isso que é, digamos, extraordinário e é o elo que permite fazer uma interpretação generalizada, o fato de existirem experiências comuns dentro de um processo que afeta uma população que tem, em grande parte, uma origem semelhante, embora de diferentes regiões do Brasil, com perspectivas limitadas, mas de certa forma ainda amplas de localização na cidade. Em termos de integração outra questão fundamental era o emprego, então o projeto de vida envolve a escolarização dos filhos, mas aí o elemento principal é a ocupação, então reconsidero o aspecto econômico.

Lidiane Maciel: Sobre a integração desse migrante na cidade, a professora ainda cita no livro “A caminho da cidade” a necessidade do abandono das antigas estruturas tradicionais de existência para a inserção nos novos espaços sociais (e considerando os estudos de migração que desenvolveram-se desde então, como os estudos do professor Odair da Cruz Paiva⁴ que, de modo interessante, coloca a recriação de certos espaços sociais, como Sertão em terras longínquas, no caso dos nordestinos em São Paulo), pergunto à professora se para além do abandono dessas perspectivas sociais tradicionais havia espaço para recriação?

Eunice Durham: É, eu não diria abandono, mas ponto como transformação, pois muita coisa é utilizada no novo contexto, como as relações sociais e a manutenção frequente, não sempre com o lugar de origem, e isso é algo muito interessante porque a migração afeta o lugar de origem e não só a localização de destino.

⁴ PAIVA, Odair da Cruz. Caminhos cruzados: a migração para São Paulo e os dilemas da construção do Brasil moderno nos anos 1930/1950. Edusc. 2004.

Na minha opinião, há uma reutilização dos laços de vizinhança, parentesco e compadrio. O compadrio não é recriado da mesma forma na cidade, mas as relações de compadrio que eles trazem, essas sim são importantes. Então, ele vai desaparecendo como forma institucional de relações, vai perdendo importância, mas as relações de compadrio são muito importantes para os migrantes se localizarem. Por exemplo, a chegada: primeiramente, o migrante tem que achar o lugar para ficar. Você tem, certamente, migrantes que vêm “soltos”, mas esses não dava para pegar pela amostra, pois ela só me dava pessoas por residência. Os moradores de ruas, as pessoas que ficavam na estação e não tinham para onde ir, esse pessoal não dava para pegar. Então, essas eram as limitações da própria amostra. Quero dizer que os migrantes, quando chegam à cidade, têm um endereço à procurar. Porém, ainda tem que se virar para achá-lo, o que é um processo muito penoso de descobrir, perguntar, etc. E depois, há um processo de inserção. Na família que o recebe normalmente alguém vai ser o intermediário desse migrante, um irmão, por exemplo. Essa pessoa é quem dá explicações gerais a ele, às vezes vai junto, e diz “vai lá ‘na’ esquina, pega o ônibus número tal, desce no ponto tal, pede explicação ao condutor”, então é dessa maneira que vai mapeando as rotas na cidade. Essa reorganização do espaço é uma rota de movimentação que ocorre dentro da cidade, basicamente entre o local de acolhimento, e o local de trabalho e também do outros parentes, e depois desse processo o migrante vai estabelecendo outras relações: as relações entre a vizinhança, por exemplo, são importantíssimas, especialmente nesse período em que a condução é muito cara. Esse é um problema para o qual eu não chamei muito a atenção na época, mas é um impeditivo da movimentação, pois é caro e se você tem que tomar dois ônibus para ir à casa do seu irmão, vai visitá-lo poucas vezes. As pessoas vão raramente a um grande centro fazer compras devido às despesas com condução. As despesas para ida ao trabalho têm que ser asseguradas, as crianças têm as despesas para ir à escola também, mas geralmente vão a pé, mas fora isso o lazer ocorre dentro de um espaço mais local.

Lidiane Maciel: Considerando o entrelaçamento entre migração e família, na introdução do livro “A dinâmica da cultura”, a professora pontua muito bem o surgimento da problemática da família em suas pesquisas. Como foi colocar essa temática na pauta das pesquisas em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo?

Eunice Durham: Eu não comecei essas pesquisas colocando a família como objeto. Ela surgiu no meu primeiro trabalho de campo, o Catulé, pois lá tínhamos um grupo rural ligado por laços de parentesco, e outro aspecto que me chamou atenção, embora eu não tenha escrito naquela época, é que todo conflito interno se dava na chegada de uma família estranha: o sobrinho que tinha vindo para São Paulo e depois se converteu a determinado segmento religioso, converteu a família e depois formou um grupo de convertidos. Minha experiência da primeira pesquisa, com os imigrantes italianos, também tinha limites, pois não tínhamos mais nenhuma documentação, tinham queimado toda a documentação naquela época da ditadura, não tínhamos nenhum jornal. Tirando as igrejas de lá que tiveram importância para os italianos e também para os brasileiros, era muito difícil fazer uma abordagem da cultura. Então, eu comecei pela migração fazendo um levantamento, aliás, já havia na época um trabalho muito bom feito por um economista que organizou os dados sobre migração, sobre quando chegaram, para onde foram. Aquilo foi ótimo para localizar a população e, assim, fui reconstituir a história com os imigrantes italianos, sobre quando tinham vindo, como foi, como tinha sido a história deles. Foi aí que apareceu o problema da família. A coisa interessante era que 75 por cento das famílias tinham pelos menos dois avós italianos. Houve uma mudança na população, um processo de ascensão, pois, de trabalhador rural, você tinha donos de indústrias, grandes comerciantes, portanto, meu problema era verificar como houve aquela assimilação, que envolvia uma substituição de população: com a crise do café de dezoito, boa parte dos fazendeiros brasileiros perderam as terras e a população de migrantes tomou conta, em consequência, a população se dispersa, assim como a população

italiana, e fica lá um núcleo. Essa era uma situação muito peculiar que me levou a verificar a história: geralmente eles vinham com a família, iam para roça, para a fazenda de café, e prestavam trabalho à comunidade; além de colheita do café, eles tinham uma roça própria que, quando gerava excedente, tinha seus produtos comercializados. O pai dirigia tudo e os filhos geralmente faziam uma poupança para comprar terras ou para ir para cidade abrir os negócios. Ao contrário dos migrantes nordestinos, eles valorizavam muito o comércio. Eles tinham uma tradição artesanal. Bem, minha família era de lá: meu avô começou como marceneiro, por exemplo, depois abriu uma serraria, uma ferraria e uma porção de coisas. Há muito disso: como o Francisco Matarazzo, que começa a produzir banha e depois tem uma porção de coisas, então, a minha preocupação era entender como se dava tudo isso. E percebia que era um projeto familiar, pois os filhos eram mão de obra, as filhas saíam quando casavam e o pai continuava. Havia então um núcleo familiar de filhos homens e pais, este formava uma unidade de produção que permitia a acumulação.

Lidiane Maciel: Nesse seu trabalho, já eram presentes os trabalhadores volantes, que foram estudados pela Profa. Verena Stocke, no livro, "Cafeicultura: homens, mulheres e capital (1850-1980)"⁵?

Eunice Durham: Nesse tempo ainda não tínhamos trabalhadores volantes. Meu avô era um tipo volante, ele trabalhava nas fazendas e, por exemplo, quando era chamado para fazer uma roda d'água, às vezes tinha que rever os maquinários da fazenda, ele ia de fazenda em fazenda, consertava carroças, mobiliários. Aí, ele monta o negócio na cidade para fazer os consertos, não mais na fazenda. Naquele tempo ainda tínhamos volantes, ainda era o sistema de colonato. No caso, as

⁵ STOLCKE, V. Cafeicultura: homens, mulheres e capital (1850-1980). Editora: Brasiliense. Estante: Brasil. Ano: 1986.

peessoas moravam nas fazendas. No caso do meu avô, ele não morava, mais circulava entre as fazendas, ao contrário da grande maioria que morava, plantava com a família. Então, uma ideia que era importante naquele meio é que filhos são valiosos como mão de obra. A família grande vai para frente, pois tem muita gente trabalhando. O que leva a uma melhoria de vida. Bem, isso eles ainda não falavam, mas o que falavam muito nas entrevistas – então eu trabalho muito com o que aparece no campo – é a valorização do trabalho. Todos eles falavam que trabalhavam muito e valorizam esse trabalho, tinham a ideia de que os migrantes internacionais são trabalhadores e os brasileiros vagabundos. É claro que isso não era verdade, então encontrávamos a valorização da família e do trabalho. Cheguei a identificar até quando se tem a ruptura do núcleo familiar e é quando morre o pai e a briga e a separação se dão entre as cunhadas.

Lidiane Maciel: Por que entre as cunhadas?

Eunice Durham: Pois as filhas saem, mas as esposas dos filhos lutam para ficar com a parte maior da herança para os filhos delas. Assim, com a ausência do pai, os laços de colaboração econômica se estreitam e se rompem e isso ocorre geralmente quando há netos. Bem, aí também a mudança na sociedade também estava em curso.

Lidiane Maciel: E a figura da mãe / sogra, não era de poder naquele espaço?

Eunice Durham: Ela é fundamental, ela domina o espaço e a economia doméstica. A manutenção do grupo familiar depende dela, pois ela cozinava para toda essa gente, fazia roupa, lavava para todo mundo, cuidava dos filhos pequenos: é muito trabalho. Eu me lembro da minha avó italiana... Considero que a “Mamma Italiana” é uma déspota do lar. Na dinâmica interna da família, o poder da mulher cresce porque ela domina os filhos, os filhos

homens, que são elementos centrais nessa família: eles são subordinados às mães – no trabalho é ao pai, mas afetivamente a mãe. Então, a mãe é uma manipuladora de primeira linha. Ela forma uma frente em relação ao pai. Por isso eu nunca fui partidária da ideia da mulher sofredora, eu me irritava muito com as feministas nesse aspecto. Na minha vida, eu não conheci nenhuma mulher que fosse sofredora. Bem... Há algumas, mas enfim, a maioria consegue um espaço bastante grande de poder, mesmo as que não trabalham fora, através dos filhos.

Lidiane Maciel: Tendo tido essa experiência com estudos de migração estrangeira e nacional, era possível algum tipo de comparação entre esses fenômenos?

Eunice Durham: Nos migrantes nacionais, nós temos algumas situações diferentes, na agricultura tradicional, quando o filho adulto vai casar, o pai separa uma terra para ele, os laços são muito fortes, mas não há esse estímulo forte de acumulação. Os outros migrantes têm essa sede por acumular, trabalhar para acumular, já nos migrantes nacionais, não tinha essa coisa de acumular e comprar mais terras: os processos que os migrantes nacionais viviam eram de divisão de terra e não de seu acúmulo e os laços de família também eram mais centrados em pais e filhos e grupos de irmãos, e a cooperação, mais de socorro, de auxílio. Bem, também há casos de abrirem um negócio e chamarem os irmãos, mas não era tão comum, havia uma economia doméstica de pais e filhos casados. E depois também, eu pouco encontrei essa importância na poupança e no trabalho. Acho que são valores muito diferentes. A única visão de poupança que eu achei foi por tempo de serviço, mas não é uma poupança que eles fizeram, mas sim uma poupança que vem da lei. Mas eles contavam muito com isso. Era fundamental quando recebiam o Fundo de Pensão pela primeira vez: iam ter algum capital na mão, aí mudavam de emprego, compravam casa, um carrinho de pipoca; esse é um momento de acumulação da casa. Mas o que noto do caso dos

italianos, e nos japoneses ainda mais, é essa acumulação coletiva de pais e filhos.

Lidiane Maciel: É um projeto familiar mais definido?

Eunice Durham: Sim. Por exemplo, nem todos saem para estudar. Frequentemente, esse que sai ajuda a educar os sobrinhos depois, mas em grande parte é um projeto de ascensão familiar, não individual a longo prazo. Os migrantes nacionais tinham uma perspectiva a curto prazo, e nenhuma poupança. Bem, mas nunca fiz esse esforço de comparação, a não ser por inspiração, na formação de hipóteses, mas enfim, talvez se fizesse essa pesquisa comprovaria isso.

Lidiane Maciel: No contexto dos movimentos sociais havia a inserção desses migrantes rurais?

Eunice Durham: Bom, essa história toda dos movimentos sociais é um pouco mais tarde, aí já estava trabalhando com a Ruth Cardoso, e então não estava mais trabalhando com migrantes, mas sim com o movimento e lá tinha alguns migrantes. Já é uma época posterior, pois a época em que estava trabalhando com migrantes rurais e italianos não era de movimentos sociais, e mesmo a sindicalização era muito pequena. Quando se trabalhava com imigrantes italianos na cidade de São Paulo a importância para o movimento sindical era muito grande, mas quando se trabalhava com cidades pequenas não era. A preocupação era abrir uma casa de comércio e, depois, indústria. Alguns chegaram a possuir fábricas de tecidos, entre outras. Entre os italianos, a preocupação estava no trabalho. Se fizéssemos uma análise cultural mais ampla, talvez se percebesse que, para os brasileiros, o trabalho era mais um meio de vida e não tanto como objetivo de vida como para os italianos.

Lidiane Maciel: E, professora, como foi a passagem dos estudos de migração para movimentos sociais e, hoje, universidade?

Eunice Durham: Houve um intervalo, houve um tempo em que eu passei a somente trabalhar com família, pois, como te disse, ela assumiu importância nos dois casos. O primeiro como espaço social da migração, pois os laços familiares eram importantes e depois comecei a trabalhar com a família operária. Mas toda interpretação da minha época era que a família não tinha importância: para os comunistas, a família iria acabar, tinha que ser abolida, e a visão do operário era a visão do sindicato. Para os operários, que fizeram parte de minha amostra de migrantes rurais, as relações familiares eram uma questão fundamental, então eu comecei a trabalhar com a família operária, e aí já orientando trabalhos. Para a sociologia e a antropologia, essa ainda não era uma grande questão, começou a ser logo depois, mas aí eu já estava cansada de estudar esse tema. E, então, comecei a trabalhar com a Ruth, trabalhamos com problemas urbanos, com cidades médias e com periferia. Nessa época, eu já tinha escrito “Família e reprodução Humana”, a qual dialogava com as feministas. Aí surgiu o movimento social.

Lidiane Maciel: Nos anos 1980?

Eunice Durham: É, por volta de 1985, pois esses movimentos começaram já no final da ditadura, quando ela já não era muito pesada e havia alguns espaços vazios, então começamos a trabalhar com esses movimentos sociais juntando a essa temática a questão da periferia, começamos como o trabalho que a Ruth fez sobre associações de bairro. Mas um aluno meu trabalhou com o movimento do catolicismo, e tinha uma parte que eu achava que deveríamos estudar e ficou na periferia de nosso trabalho, que ainda não chamava de movimento social: as organizações de reivindicações. Começamos a lidar com os movimentos sociais, pois boa parte deles estava ligada à igreja, à esquerda da igreja católica, aos movimentos coletivos de construções de casa, ou para obter escola, creches. Eram movimentos de reivindicações, os movimentos surgiram assim com a comunidade de base.

Lidiane Maciel: E como foi a entrada para os estudos sobre a Universidade?

Eunice Durham: Ai, foi uma mudança de rumo completa, meio acidental, não intencional, mas eu fiz muito parte do movimento de fundação da associação de docentes, eu não era membro da diretoria, era a escritã, fazia os comunicados, ia às reuniões e depois escrevia para os jornais. Aí eu descobri que nós fazíamos reivindicações, mas não sabíamos nada de universidade. Foi no movimento que eu me dei conta de que estava lidando com diferentes setores da universidade. Fazíamos reivindicações que não eram salariais, como no sindicato, mas de mudança na universidade, aí eu resolvi estudar, virei uma especialista, e então fundamos o NUPPS, porque achávamos que não dava para participar do movimento sem uma base de pesquisa. A reflexão veio da prática, da política universitária. Bem, aí deixei de estudar família, pois como eu virei *expert*, todo mundo vinha comigo para trabalhar família. Depois cansei, e aí todo mundo vinha comigo para trabalhar com movimento social. Quando eu comecei a trabalhar com universidade, havia poucas pessoas no Brasil se dedicando a essa temática. Comecei com Simon Schwartzman, ele insistia muito que nós fizéssemos um grupo para trabalhar a questão acadêmica, não somente um trabalho ideológico, mas ele queria fazer pesquisa comparada, ideal esse ao qual eu me identifiquei imediatamente, e depois eu comecei a descer para o problema de formação de professores, que é o que eu estou trabalhando, que é a relação central entre universidade como sistema educacional, a formação de professores e o vestibular. Portanto, agora pretendo me dedicar a esses estudos, fazer publicações nessa área.